

EDITORIAL

A Potência da Longevidade e a Subversão dos Regimes Estéticos na Cena Contemporânea

É com grande satisfação que apresentamos a primeira parte do Dossiê "O lugar do envelhecimento nas artes cênicas". Em um momento histórico em que a expectativa de vida aumenta globalmente, torna-se imperativo que o campo das Artes Cênicas reflita sobre como os corpos longevos ocupam, transformam e ressignificam os espaços de criação, ensino e fruição estética.

O Estatuto da Pessoa Idosa no Brasil, marco civilizatório de 2003, assegura dignidade e amparo em áreas fundamentais da vida social. No entanto, perguntamo-nos: como esse direito se manifesta no território da arte? Vivemos em uma sociedade que, paradoxalmente, envelhece enquanto exalta excessivamente a juventude, perpetuando estigmas que associam o corpo idoso à passividade ou à ausência de vigor. Este dossiê nasce da urgência de confrontar essas visões, trazendo à luz pesquisas que enfrentam a exclusão – caracterizada como etarismo, idadismo ou ageísmo – e que propõem novas epistemologias para a cena.

As artes da cena possuem a capacidade singular de subverter regimes estéticos excludentes. Se, por um lado, o corpo envelhecido é recorrentemente alvo de violência simbólica, por outro, encontramos nas culturas populares e em certas práticas contemporâneas um refúgio de valorização. Mestras e mestres da cultura popular, por exemplo, têm na idade avançada um atestado de sabedoria e potência performativa. Inspiradas por essa resistência, as investigações aqui reunidas demonstram que a arte atua como ferramenta de cuidado, de reivindicação política e de manutenção da autonomia.

Nesta primeira parte do dossiê, reunimos sete trabalhos que transitam entre a dança, o teatro, a performance e as novas tecnologias. O percurso inicia-se com uma

reflexão sobre legado e continuidade no artigo *Danzar y Envejecer, Envejecer y Danzar: la trayectoria de Françoise y Dominique Dupuy y su legado para la danza contemporánea*, que nos convida a pensar a dança como um projeto de vida contínuo. Em seguida, a ludicidade e a memória ganham o palco em *Detetives e Dragões: brincadeira, improviso e reminiscência com um grupo de mulheres mais velhas em Portugal*, demonstrando como o jogo teatral pode reavivar narrativas e fortalecer laços comunitários. A tensão entre as políticas do corpo e a educação é o foco de *Incursões Políticas e Violência Simbólica Contra Corpos Envelhecidos em Dança no Brasil: entre práticas artísticas e educação*, um texto necessário que denuncia as barreiras invisíveis impostas aos corpos que insistem em dançar. Olhando para o futuro e para a inovação, *Passos e Passados: velhices, artes cênicas e Tecnologias Assistivas para a criação de novos futuros* explora como a tecnologia pode ser uma aliada na acessibilidade e na expansão das potências criativas na velhice. Desafiando a rigidez de formas consagradas, o artigo *Ressignificando a Tradição: a prática continuada do Balé Clássico para pessoas com mais de 50 anos no Programa Universidade, da UNICAMP* prova que técnicas tradicionalmente associadas à juventude podem ser apropriadas e vividas plenamente na maturidade. O questionamento direto aos estereótipos surge em *"Só Gente Jovem Pode Fazer Teatro?": reflexões sobre práticas teatrais na senescência*, que debate o lugar do idoso não apenas como espectador, mas como fazedor de teatro. Por fim, fechamos esta seleção com a *Entrevista com Sônia Mota*, trazendo a voz viva de quem constrói sua trajetória artística entrelaçada à experiência do tempo.

Encerrando o número 1 do volume 44 do periódico, a seção Artigos Extradossiê, com o artigo *Arte Como Pesquisa e o Saber do Processo*, reflete sobre as especificidades da pesquisa em arte, ao abordar investigações que possuem a prática artística como centro do trabalho.

Esperamos que esta edição contribua para produzir e divulgar conhecimentos que afirmem o acesso à arte como um direito humano inalienável em todas as etapas da vida. Que as leitoras e leitores encontrem, nestas páginas, inspiração para perceber a velhice não como um fim, mas como um terreno fértil de criação, reinvenção e presença.

Aline Nogueira Haas (PPGCMH/UFRGS) e Suzane Weber da Silva (PPGAC/UFRGS)
Editoras Colaboradoras

Clóvis D. Massa
Editor-chefe